

PROJETO MOMENTO EDUCATIVO

2ª Edição: Erotização Precoce e Violência Sexual Infantil

6 de junho de 2017

PROGRAMAÇÃO:

- **17:00 - Credenciamento (15min)**

- **17:15 - Abertura (5 min)**

Expositor: Amauri Artimos da Matta, Promotor de Justiça e Coordenador do Procon-MG

- **17:20 – Mesa-redonda: Erotização Precoce e Violência Sexual Infantil (70min)**

Expositores: Celso Penna Fernandes Júnior - Promotor de Justiça da 23ª Promotoria de Justiça de Defesa dos Direitos da Criança e do Adolescente Cível de Belo Horizonte

Inez Lemos - Psicanalista, mestre em Educação (UFMG) e autora do livro Pedagogia do Consumo e do blog amores urgentes

Patrícia Regina Henriques Peles - Psicóloga, mestre em Educação (UFMG), doutora em Neurociências (UFMG) e professora universitária

Mediador: Amauri Artimos da Matta, Promotor de Justiça e Coordenador do Procon-MG

- **18:30 – Esclarecimento de dúvidas (20min)**

- **18:50 – Preenchimento do Formulário Avaliativo (10min)**

- **19:00 – Encerramento**

Público-alvo

Órgãos e entidades civis de defesa do consumidor, advogados, estudantes de direito e demais interessados no tema.

Local

**Auditório Procuradora de Justiça Simone Montez
Pinto Monteiro (Salão Vermelho) PGJ/MG**
Av. Álvares Cabral, 1690 , 1º andar, bairro Santo Agostinho
Belo Horizonte, MG

**MINISTÉRIO PÚBLICO
DO ESTADO DE MINAS GERAIS**
PROCURADORIA-GERAL DE JUSTIÇA

TRANSCRIÇÃO DO

**ROJETO MOMENTO EDUCATIVO - 2ª EDIÇÃO:
EROTIZAÇÃO PRECOCE E VIOLÊNCIA SEXUAL INFANTIL**

ESCOLA ESTADUAL DE DEFESA DO CONSUMIDOR/PROCON-MG

06 de junho de 2017

Presidência:

Amauri Artimos da Matta

SR. PRESIDENTE AMAURI ARTIMOS DA MATTA: Boa tarde a todos, eu queria dar início, então, ao projeto Momento Educativo, que na sua segunda edição vai tratar da erotização precoce e a violência sexual infantil. E é com muito prazer que eu gostaria de convidar para a Mesa, o Dr. Celso Fernandes Junior, que é promotor de justiça da 23ª Promotoria de Justiça dos Direitos da Criança e do Adolescente de Belo Horizonte. Convidar a Dra. Inez Lemos, que é psicanalista, mestre em educação pela UFMG e autora do livro Pedagogia do Consumo e do blog Amores Urgentes. E a Dra. Patrícia Regina Henrique Peles que é psicóloga, mestre em educação pela UFMG, doutora em neurociência e professora universitária. Fica à vontade, Patrícia.

A proposta aqui é de uma Mesa redonda em que nós iremos discutir essa questão tão importante que é a erotização precoce e a violência sexual infantil. A gente tem aqui a previsão de 70 minutos para os três, eu diria, expositores. E, na sequência, aqui, eu gostaria, então, de convidar para fazer uso da palavra por 20 minutos, o Dr. Celso Penna Fernandes Junior. Celso, fique à vontade.

SR. CELSO PENNA FERNANDES JUNIOR: Obrigado aí, Dr. Amauri, pelo convite, Procon. É com muita honra que eu vou participar desse debate aqui, com um assunto tão importante quanto a questão da sexualidade, criança, exploração sexual, e o que influencia e causa isso dentro da sociedade. Cumprimento a Mesa na pessoa do Dr. Amauri e espero que a gente possa ter uma conversa profícua aqui a respeito do tema. Eu, logicamente, minha formação é Direito, sou promotor de justiça. Eu quero, até para facilitar um pouco a abordagem da discussão com vocês aí, ressaltar a questão do aspecto legal que envolve esse assunto da questão da criança e do adolescente, da proteção que ela tem. E como é difícil, a gente, dentro de um determinado contexto, circunstâncias, dentro de um contexto particular, muitas vezes é difícil, né? Eu acho que sistematicamente, não é muitas vezes, é sistematicamente difícil você conseguir distinguir o interesse da criança em relação ao interesse dos outros. Por que eu falo isso? A criança, como a gente sabe, ela é um incapaz, é uma pessoa, um ser humano e é incapaz e é tutelado por outras pessoas. No caso que a lei determina que faça essa tutela é o pai e a mãe ou o responsável legal, mas segundo o art. 227 de Constituição da República, todos nós somos responsáveis para garantir os direitos da criança e do adolescente, não é? Então, o direito à saúde, educação, que são os direitos básicos, e além do dever de manter a criança sempre longe de qualquer situação que implique violência, exploração, crueldade ou opressão. A criança também tem o direito ao respeito, né? E o respeito é nada mais, nada menos do que, segundo a Estatuto da Criança e do Adolescente, as pessoas garantirem a essa criança, sua integridade física, moral e psicológica. Isso está tudo na lei, parece óbvio, né? Eu costumo falar que da boca para fora, ninguém é contra aos direitos que a criança é o adolescente tem. Isso da boca para fora, mas no caso concreto, quando os interesses começam a aflorar, a gente vê que é exatamente ao contrário, e que não é à toa que a lei tenta de todas as formas proteger o interesse da criança e do adolescente, inclusive, incumbir o Ministério Público disso, e não é fácil. Eu já estou na Promotoria da Infância e Juventude, agora é Defesa da Criança e do Adolescente, há muitos anos, né, e a gente vê no dia a dia como isso é difícil de perceber. Tem casos que são, assim, mais tranquilos, por exemplo, o caso um de abuso sexual. O pai abusa sexualmente do filho ou da filha, criança. Obviamente é óbvio que toda criança tem o direito de não ser abusada sexualmente, não ser violentada na sua integridade física, psíquica, a própria lei diz isso; mas nem sempre isso acontece, às vezes a pessoa que tem o dever legal de proteger a criança, comete o abuso contra ele. Isso, no caso do abuso sexual é óbvio, né, todo mundo é contra isso, a sociedade, inclusive, se alguém quiser abusar sexualmente de uma criança, ele não vai fazer isso no meio da rua, porque senão, se ele der sorte, ele vai ser preso, se não for linchado. Vai para casa, vai para um lugar escondido, é lá que se faz isso. Infelizmente, pela nossa prática, é uma coisa muito comum, principalmente os abusos intrafamiliares, né? Grande parte desses abusos são praticados contra a criança por pessoas da família e pessoas próximas dela, inclusive, às vezes, com a

ação e omissão do próprio pai, da própria mãe. Então, nem sempre é fácil a gente distinguir. Nesses casos é fácil, é simples você saber qual é o interesse da criança que é não ser abusada, mas nem sempre isso é fácil distinguir, principalmente quando as pessoas que tem o dever de defender esse interesse da criança estão bem-intencionadas. Eu quero dar um exemplo para vocês, para vocês entenderem essa questão, ele não tem nada a ver com um assunto específico aqui, tem a ver com a questão do direito à educação, do acesso à educação. É um caso concreto, né? Eu vou dar minha opinião, claro, eu não sou dono da verdade, mas dentro da minha experiência de promotor de justiça da infância e juventude, eu acredito que pelo menos a gente defende esse ponto de vista. É o seguinte, há alguns anos atrás, o Ministério da Educação, o MEC, através da Câmara de Educação Básica, ele fez uma resolução definindo a data de corte para o ingresso no ensino fundamental, educação infantil e ensino fundamental. E aí, seria a data da 31 de março do ano em que a criança completasse seis anos de idade. Então, quem nascesse depois de 31 de março permaneceria na educação infantil, quem nascesse antes iria para o ensino fundamental. É claro que o critério é um critério do corte, é um critério objetivo, você pode discutir se é justo ou não é, mas o MEC levou em consideração também não só a questão legal, constitucional, a questão da idade da criança, da capacidade que ela tem de entender as coisas, né? Mas também questão de política pública, porque o poder público, precisa ter uma data da corte para poder, inclusive, planejar, quantas crianças vão precisar de vaga na educação infantil ou então no ensino fundamental. Então, foi uma, no meu modo de ver, um acerto do governo, mas isso, assim que esse fato foi publicado, ele foi imediatamente questionado pelo Ministério Público Federal em uma ação civil lá em Pernambuco. Por quê? Chegaram lá um grupo de pais lá na Procuradoria da República, com o procurador da República lá, dizendo que era um absurdo, isso eu vi em uma reportagem, isso fizeram em São Paulo também, a mesma coisa. Que, na verdade, os filhos deveriam ter o direito de entrar no ensino fundamental o quanto antes, né? Dentro daquela visão, e eu não vou dizer que não seja justa não, do pai querer que o filho vá logo para o ensino fundamental. Por quê? Porque a educação infantil, ela não é seriado, ninguém leva bomba na educação infantil, ninguém fica retido. No ensino fundamental, ele já é seriado, e o ensino fundamental e educação infantil tem diferença de natureza. Na educação infantil, ela é lúdica, prevalece o aspecto lúdico e no ensino fundamental, não. Então, dentro dessa visão que é normal da sociedade, a gente não pode condenar ninguém por isso não, o pai acha que: "não, meu filho tem o direito de entrar logo no ensino fundamental, quero que ele faça logo o vestibular, quero que ele aprenda ler o mais rápido possível, quero que ele fique esperto o mais rápido possível, ou pareça esperto o mais rápido possível". Mais do que justo isso aí. Convenceram lá o procurador da República, entrou com uma ação, o juiz suspendeu, convenceu o Poder Judiciário e suspenderam o ato do MEC e virou uma balbúrdia no país inteiro essa questão de acesso a ensino fundamental. Aqui no caso de Minas Gerais, fizeram uma lei que fez a data da corte em 30 de junho, não foi 31 de março, mas pelo menos não prejudicou demais as crianças aqui de Minas Gerais. Bom, mas é um exemplo para vocês verem que dentro de um determinado contexto, nem sempre é muito fácil você identificar qual é o interesse da criança. No meu modo de ver, eu acho que de 99% dos profissionais da área de saúde e de pedagogia, o ideal é a data de corte do MEC, 31 de março. Por quê? Porque a criança, nessa idade, ela vai começar o ensino fundamental já com seis anos, enfim, vai organizar a política. Enfim, é a melhor data que se teria para poder fazer o ingresso no ensino fundamental, mas o entendimento dos pais, da justiça e de parte do Ministério Público foi outro. Eu acho justo, até dá para entender. Por quê? Porque o ensino fundamental, aliás, a educação infantil, é uma coisa recente na Constituição Brasileira, não era obrigatória, agora a pré-escola é obrigatória, agora está regulamentada pela lei, mas de qualquer forma, quem é responsável pela educação infantil? O município. O município que é o ente federativo mais desorganizado e mais pobre. Então, as pessoas, realmente... o cara pensa, fala: "olha, eu entrei o ensino fundamental, vim lá na roça com sete anos e estou onde eu estou, por que meu filho tem que ficar nessa educação infantil? Eu vou ter que pagar mais um ano de ensino em uma escola particular para ele?". Então, a gente não pode condenar as

pessoas, o desconhecimento geral da sociedade, mas isso é um exemplo de como é difícil, às vezes, identificar o interesse da criança dentro um de contexto, inclusive, para o próprio Ministério Público. Bom, isso é só para vocês entenderem esse raciocínio que dentro da Constituição da República é o seguinte. O que é que vai contrariar esse direito de criança e do adolescente dentro do que estabelece a Constituição da República? O que vai contrariar de uma forma mais evidente esse direito? Porque está lá no art. 227, está muito claro. Dever de todos, da sociedade, do Estado, da sociedade, da família, garantir à criança e ao adolescente todos esses direitos, resguardá-la de todos os perigos que ela pode sofrer quando ela vive em sociedade. Mas existe, por outro lado, dentro da Constituição da República também, o direito de liberdade da expressão e de comunicação. Então, do mesmo jeito que a censura existia no Brasil, acabou a censura, não existe mais censura no país. A partir de 1988, com a Constituição, passou a valer a classificação indicativa, né? Essa classificação indicativa tem basicamente três critérios, segundo a lei, para se analisar programa de rádio, televisão, peça de teatro, que é a questão da violência, a questão do sexo e a questão do uso de drogas que entra na questão da violência, uma subdivisão da questão da violência. Então, a classificação indicativa ela é feita, segundo a lei e a Constituição, pelo Ministério da Justiça. Ela é uma, como o próprio nome diz, ela é indicativa, não é obrigatória, inclusive o Supremo Tribunal Federal, nas decisões, que isso, inclusive, o estatuto tem alguns artigos, principalmente quando ele fala nas punições que vão ser submetidas às empresas ou pessoas que desrespeitarem os critérios da classificação indicativa, o Supremo Tribunal Federal, ele tem tido decisões de fazer com que prevaleça o direito e liberdade expressão em relação ao direito de criança e do adolescente de se resguardar dessas questões que vão ferir a integridade física e moral criança e adolescente ele tem jogado nas costas da família essa proteção. Então, no estatuto, por exemplo, tem lá um artigo que fala, por exemplo, que se essa classificação indicativa for desrespeitada, é uma infração administrativa e o Poder Judiciário pode aplicar multa e no caso lá do artigo, dizia que ele podia suspender a programação por até, sei lá, 15 dias. Então, houve uma Ação Direta de Inconstitucionalidade em relação a esse dispositivo e o Supremo cortou essa possibilidade de o Poder Judiciário suspender a programação, entendeu que isso era uma censura. Você tem não pode ter censura prévia e nem posterior, nenhuma retaliação. Claro que você pode ser responsabilizado por dano moral, material pelo que você fez de errado, mas não pode haver censura no país e nem pode haver nem prévia e nem posterior no sentido de impedir o funcionamento de uma emissora porque ela cometeu algum erro, ela pode ser responsabilizada financeiramente por isso. Então, essa questão da exposição da criança, principalmente da criança, adolescente, criança, tudo isso que gira em torno da sociedade, das mídias, de programas de televisão, da rádio, em computador, teatro, peças de teatro, tudo isso está sendo considerada pela lei e pela justiça como responsabilidade da família, do pai e da mãe, da família de modo geral. Então, se você tem um filho, você tem que tomar cuidado com o que ele vê dentro de casa e fora dela, essa que é a regra que tem que ser seguida já que não existe censura no Brasil. É isso que o Supremo Tribunal Federal vem colocando de forma sistemática para que a gente entenda o papel do Estado, da família e da sociedade nessa história toda aí.

O pessoal aqui do Procon me passou algumas perguntas, não sei se elas vão ser feitas. Eu vou, depois dessa breve exposição, responder rapidamente aqui, que já deve ter acabado meu tempo. Está quase acabando né? Mas depois eu respondo às perguntas de vocês. Uma das perguntas que me foi feita é a seguinte. A falta de preparo da sociedade e do poder público para lidar com questões da erotização precoce de violência sexual infantil, esse tratamento da infância não seria um problema global? Eu acho que é falta de preparo sim, mesmo porque as coisas mudam muito rápido, é só a gente olhar para trás, a gente mesmo, todo mundo aqui foi criança, foi adolescente e as coisas são muito diferente hoje. Hoje, criar filho é muito mais complexo do que criar filho há alguns anos atrás, não é? A exposição que a criança tem de modo geral a tudo é muito maior, basta ver o celular que é um computador na verdade, não é? Então, eu acho que é uma coisa complicada mesmo. Eu não sei se a gente era preparada há alguns anos atrás, a sociedade fosse preparada há alguns anos atrás. Talvez fosse até um pouco mais fácil, porque as pessoas, o cara vivia em família, o filho, quando ele casava, ele ia, sei lá, ia morar do lado. Você tinha um contato até visual com toda a sua família durante a vida inteira, né? Hoje em dia não, as pessoas vão para tudo quanto é lado. Adolescente vai estudar no exterior, enfim, tem acesso a tudo quanto é tipo de informação. Então, não é que era preparada antigamente não, agora eu acho que está mais complicado ainda essa questão de combater a erotização precoce, lidar com ela, tanto por parte da sociedade, quanto por parte de família. A legislação brasileira é suficiente? Eu acho que é, porque não adianta legislação para resolver esse problema. A gente aqui no Brasil tem essa ideia, "lei vai resolver", não resolve, nunca resolveu. É preciso colocar em prática, principalmente nesse caso de questões, porque a lei, o estatuto da criança e do adolescente, ele é muito claro com relação ao limite do estado na educação dos filhos, das pessoas, o pai e a mãe, segundo o Código Civil, tem a responsabilidade de cuidar, zelar pela educação do filho menor de idade e o Estado, não pode interferir nisso. A única maneira que o Estado tem de interferir nessa questão é através da escola, é através da educação que ele dá no sistema de ensino, seja público ou particular, porque o sistema de ensino particular também, na verdade, faz parte de um sistema público e tem normas para seguir. Então, há esse limite da lei em relação à educação dos filhos menores em relação à interferência do estado, quem tem que educar é a família, é o pai, a mãe, a família.

A violência sexual atinge todas as camadas socioeconômicas? Sem dúvida alguma. A gente não tem essa ilusão, eu pelo menos, não tenho essa ilusão, a gente vê, infelizmente, casos muito comuns, infelizmente mais comuns do que a gente gostaria que fosse, e são todas as camadas sociais. Na sua opinião, como o consumismo pode contribuir para agravar essa situação? Acho que o consumismo está, modo de ver, diretamente relacionado com a questão da sexualidade, porque a sexualidade é uma coisa muito importante na vida do ser humano. Não é à toa que as religiões, as igrejas tentam normatizar essa questão, todas as religiões, basicamente, tentam normatizar essa questão. Então, por ser uma questão importante na vida do ser humano, o consumismo tem relação direta com isso e ele, eu acho que é um problema e ele realmente agrava a questão da sexualidade. Muitos pais não sabem o que os filhos veem na internet. Como eles podem participar mais? Olha, meus filhos já estão grandes, então não tem muita interferência no que eles fazem na internet, mas mesmo assim é a proximidade, acho que é mais a proximidade do que a vigilância. A vigilância você tem um limite, a vigilância você chega até um certo ponto e ela é sempre burlada. Não adianta, se você quiser, você burla a vigilância, qualquer tipo de vigilância, é uma questão de tempo de vontade, mas eu acho que essa relação, a confiança, isso é importante, eu acho que muito mais do que a vigilância. Eu acho que monitorar filho, não sei. Nos atuais somos convidados a consumir de forma desenfreada e sem reflexão, ainda em pleno desenvolvimento, e, portanto, mais vulnerável do que os adultos, as crianças sofrem cada vez mais cedo as graves consequências relacionadas ao excesso de consumo. A exposição da criança na mídia pode levá-la a queimar etapa de seu desenvolvimento? Dizem os especialistas que sim. Aliás, toda, como eu coloquei, a questão de Constituição, a proteção que a criança

e o adolescente tem na Constituição e na lei, toda essa questão da classificação indicativa, tudo isso é pensando exatamente na preservação do desenvolvimento da criança e do adolescente. A criança, ele tem todos os direitos que o adulto tem e mais alguns que são típicos da sua natureza própria, que é o quê? É um ser humano em desenvolvimento, então, de fato essa questão de consumo pode realmente atrapalhar o desenvolvimento e queimar etapas, né? E isso é ruim para qualquer um, porque quando você queima etapa, quando você chega lá na frente, você vai ter problema e vai ser difícil de resolver. Na atuação como promotor de justiça é possível perceber uma relação entre a exploração sexual e o apelo ao consumismo? Para mim, é claro que a exploração sexual já adquire um conteúdo mais de criminalidade organizada. Vamos dizer, normalmente conta com a conveniência ou então a participação do pai e da mãe, não acho que tenha uma relação direta com o consumo, mas tem, em relação ao adulto, não em relação à criança. Em sua atuação como promotor de Justiça, já se de parou com casos de crianças e adolescentes que foram vítimas de exploração sexual, com intuito de adquirir bens que lhe dessem sensação de pertencimento a um grupo? Particularmente não, todos os casos que a gente vê lá, normalmente são abusos intrafamiliares, pessoas próximas. As celebridades infantis e adolescentes, exemplo de youtubers, atores que comportam como adulto, vestem e falam como adultos, podem influenciar no público infantil? Também acho que podem, e isso é um problema para as famílias, como é que você vai lidar com isso? É uma coisa que não tem receita, cada um vai ter que lidar de acordo com a sua, vamos dizer, educação que recebeu, e é uma coisa, eu acho complicada sim, porque se você tem um ídolo, você vai querer seguir esse ídolo e a questões da erotização precoce é um problema que muitas vezes os pais não percebem também, às vezes, eles também são envolvidos por essa propaganda que existe em torno da gente, nas mídias todas, nas mais variadas mídias que realmente incentiva esse tipo de coisa, infelizmente, né? E é difícil a gente combater isso só com lei, né? É lógico que cada caso é um caso, eles podem ser questionados judicialmente, é importante lembrar que a Constituição fala que nenhuma ameaça ou lesão de direito pode ser subtraída da apreciação do judiciário, do Poder Judiciário, então qualquer coisa concretamente pode ser levada para que o juiz examine e veja se o Estatuto da Criança e do Adolescente, o art. 227 deve ser aplicado, como deve ser aplicado e como que isso vai, o conflito vai ser com outros eventuais artigos da Constituição vai ser equacionado, certo? Então, muito obrigado pela atenção e estou à disposição aqui para as perguntas.

[aplausos]

SR. PRESIDENTE AMAURI ARTIMOS DA MATTA: Nós é que agradecemos ao Celso pela brilhante exposição. Eu queria passar a palavra para os outros expositores e depois a gente faz acho que um bloco de pergunta geral para todo o público. A gente sabe, pelo código do consumidor, que a criança, ela além de ser vulnerável, porque o código do consumidor, ele já traz toda uma construção de uma norma que tem por objetivo compensar as desigualdades. Então, nós consumidores somos vulneráveis, nós conhecemos o produto que nós vamos comprar, nós não temos conhecimento jurídico de advogado para analisar aquele contrato pequenininho de adesão que vem de financiamento, ele já vem todo pronto, são duas, três páginas, a gente não tem condições e, além disso, a gente contrata por necessidade. Então, quando a gente vai ao mercado adquirir um produto ou serviço, a gente tem uma necessidade e, muitas vezes, a necessidade nos é imposta através de uma publicidade. Então, a partir do momento que nós começamos a ter a produção em massa de produtos e serviços, aconteceu algo que diferentemente do que acontecia anteriormente, que foi o fato de nós precisarmos comprar aquela grande quantidade de produtos que são produzidos em massa. Além disso, tem uma questão interessante, a gente compra aquilo que é produzido, embora a gente tenha a liberdade de escolha, de comprar uma coisa ou outra, mas, na verdade, o mercado como um todo nos impõe produtos e serviços que dentre eles é que nós vamos ter uma capacidade de escolher entre um e outro. E o que é mais interessante? Mercado também nos impõe os padrões de consumo. Os padrões do consumo são impostos pelo mercado na medida em que

ele é que também escolhe aquilo que nós devemos comprar, que produz e escolhe, eventualmente, aquilo que nós devemos comprar. E a criança, além de ser vulnerável, a criança e os adolescentes, além de ser vulneráveis, eles são hipossuficientes pelo código; quer dizer, são pessoas que em razão da idade, precisam de uma maior proteção. Tanto é que o art. 37, § 2º do Código, ele fala que é publicidade abusiva aquela publicidade que se aproveita da inexperiência da criança nesse sentido, você faz uma publicidade, você captura a criança e a criança captura os pais para comprar o produto, e aí dos pais se não comprarem. E aí, vem a questão da importância do pai dentro desse processo educacional. O código, então, do consumidor, assim com o Estatuto da Criança e do Adolescente, ele tem essa preocupação com a criança, e também dentro de um contexto jurídico e que agora eu penso que Dra. Inez Lemos pode tentar traduzir para a gente um pouquinho do fundamento prático dessa proteção que o código do consumidor traz como um direito básico a ser observado em favor da criança e também em relação ao próprio Estatuto da Criança e do Adolescente. Dra. Inez, com a palavra. Fique à vontade.

SRA. INEZ LEMOS: Queria agradecer à iniciativa e do meu convite e também foi me passado umas questões, e eu vou incorporá-las no meu texto já que o tempo é pequeno e o assunto é muito extenso. Então, vamos tentar refletir aí nessas questões que você acabou de colocar. Quem é o sujeito dessa história toda? Bom, é o mercado, nós estamos no Brasil, uma sociedade com o modo de produção capitalista, é uma sociedade de mercado, portanto, o consumo, o objetivo é vender. Então, a erotização precoce, a violência sexual, todas essas mazelas do mundo de hoje, inclusive, a perversidades com que a gente vê no campo social todo, criminalidade, corrupção, tudo que a gente está assistindo hoje de uma forma até bastante potencializada, é um sintoma de uma sociedade orientada pelo mercado, haja vista crise política e econômica que a gente vive. Ela tira governo, põe governo, faz esse fuzuê todo, imagina nos lares, né? Imagina, você falou, eu não lembro, eu não vou me ater a datas, mas à mídia. Então, vamos lá, é uma sociedade de mercado, o consumo, a erotização precoce é um sintoma, é uma consequência que gera gravidez precoce, gravidez na adolescência. Então, tudo isso faz parte desse contexto aí, desse lixo que nós estamos chamando a lixeira do mercado. Então, o que está lá dentro? Novelas, é uma mídia desregulamentada. Eu lembro, acho que foi no governo, não sei se foi no primeiro ou no segundo, mas eu lembro que foi no governo Lula que tentou-se uma regulamentação melhor da mídia, dos programas de televisão e só resultou naquelas censuras, nos números de idade, porque a oposição e, claro, os empresários dos meios de comunicações berraram e falaram que era a volta da censura. Todo mundo sabe que uma coisa é regulamentação, outra coisa é a censura. Então, nós estamos em uma sociedade sem lei, sem paz simbolicamente, né? Eu vou fazer umas passagens pela psicanálise, mas de uma forma bastante superficial porque eu não estou falando para psicanalistas. Então, o pai que pontua a lei, que aponta para a lei, a lei, portanto, o código do consumidor seria uma lei, o Ministério Público uma lei, mas isso tudo está sufocado por algo muito maior, porque esse mercado, hoje, é um mercado de globalização, são grandes conglomerados e quem somos nós diante deles? Então, por exemplo, essa pequena guerrinha que o Lula tentou, ele perdeu. Eu lembro direitinho, foi um fuzuê, censura e [ininteligível], acabou. Então, aqui, porque eu acompanhei, lembro os países mais avançados, Reino Unido eu lembro, França, Noruega, Suécia, os programas de televisão não veiculam infantis, é proibido veicular propaganda durante o horário dos programas infantis. Por quê? Caso os pais não estejam, eles não querem que o filho fique exposto a esses ditames do mercado. Aqui não, a mãe quer assistir novela, ela quer assistir novela, o menino quer ficar com a mãe. "Ah, tudo bem", ele assiste, assiste tudo. Ora, esses programas de alto teor erotizado sexual com uma carga libidinal exacerbada, provoca nesse corpo infantil um distúrbio endócrino, há um distúrbio hormonal que influencia na menarca que é a primeira menstruação, então antes, eu lembro que eu menstruei com quatorze anos, era uma sociedade, não tinha quase televisão, e hoje não, as meninas estão menstruando aí com nove anos, ou seja, já está em corpo preparado para uma futura gravidez. Então, nós estamos vendo a falta de lei nos lares. Então,

eu estou falando aspectos da sociedade, culturais e aspectos psíquicos familiares. Está tudo permeado aí, não tem como separar. Então, esse lar permissivo que é uma tendência da educação no Brasil, eu falo que o maior desafio do mundo, a meu ver é educar filho no Brasil de hoje. Eu preferia defender tese na Rússia, sem saber russo, aprendendo assim de última hora, do que educar um filho em um quintal dos Estados Unidos, porque o Brasil, infelizmente, se espelha muito mais em uma sociedade de consumo violenta, muito ostensiva, né? A Europa ainda é um pouco mais suave, quem viaja aí percebe, até nessa questão do culto ao corpo. Então, nós estamos falando de gravidez, erotização precoce, eu vou focar um pouco no público feminino, tá? Então, esse corpo feminino, ele também, no Brasil, tem um empuxo ao culto do corpo, a menina tem que ser bonitinha, de pequeninha ela já quer usar sapatinho de salto, quer usar vestidinho colado, preto, imagina... Quer dizer, não estou falando que tem que vestir igual a nossa infância, com rendinhas e tal, mas já é oncinha, já tem salão de beleza voltado para a criança, e a programação infantil é Malhação. É claro que a vida sexual dessa criança começa precocemente. A boneca, a Barbie não é uma boneca, a Barbie é uma ideia da mulher, é um imaginário feminino, a Barbie tem vida sexual, tem namorado, viaja, tem peitão, vende o ideal do silicone. Por isso que a mulher no Brasil, eu brinco, a mulher moranguinho, mulher chantili, mulher chocolate que tem até uma música, não sei se vocês conhecem, da Rita Lee, Pagu, mirando na Pagu, que foi revolucionária, porque nem toda feiticeira é corcunda, nem toda brasileira é bunda, ainda bem que a Rita Lee nos salvou um pouquinho. Mas, voltando, então, fazendo um paralelo com a Europa, eu lembro, uma vez que eu estive na França e eu ouvia isso, a mulher brasileira é coquete. E aí, eu perguntei para o meu companheiro: o que eles estão querendo dizer com coquete? Ele disse: "eles acham que a mulher brasileira é puta mesmo, a maioria, por causa da exploração sexual e gosta de exacerbar, tem até programa para levar os gringos lá para Fortaleza". Então, nós somos em terreno sem lei mesmo, eu fico pensando na dificuldade de vocês para tentar organizar esse caos. E outra coisa, o caos vende, né, gente? A permissividade vende! O capitalismo descobriu que a permissividade é rentável. Mas voltando um pouquinho na comparação na França, além da mulher brasileira ser coquete, tem um livro que chama Crianças Francesas Não Fazem Manha, que é de uma americana, jornalista que foi morar na França e teve um filho lá, virou até um best-seller, mas ele é até interessante. E lá ela compara desde pequeninho a diferença da educação das mães francesas para as mães de outros países e até estuda também, coloca o Brasil. Aqui, os pais geralmente, eu estou falando pais porque vai falar: "Mas espera. Quem educa filho não é só a mãe", mas, infelizmente, eu acho que vocês têm essa estatística, a maioria dos lares hoje, eu não sei se é maioria, mas aumentou muito o índice de lares monoparentais, então eu não sei mais da criança educada pelas mães, né? Então, são pais ausentes e de uma certa forma, mãe omissa por causa dessa sociedade de consumo. Essa mãe é cobrada, ela tem que ser bonita, gostosa, ter amigas, estar em tudo, estar com o Face bombando e tudo mais aí que vocês sabem. Levar o cachorrinho para passear, academia não sei quantas horas, o salão [ininteligível]. Ela não tem muito tempo para educar essa criança, a criança fica na escolinha o dia inteiro, é uma criança solitária que come diante da televisão, então todo esse modo de vida, essa orientação da educação, hoje, dentro, orientada, comprometida com o mercado: "Ah, mas se a minha filha não tiver o celular da moda, como é que ela vai se sentir perante os coleguinhas?" Então, na verdade, o que eu entendo é que a família brasileira, no geral, abriu mão de educar esse filho, essa criança fica no celular o tempo que ela quer, no computador, na televisão, ela absorve, então, esses programas que tem o estímulo auditivo e visual inadequado que vai contaminando esse corpo e a televisão voltada para a beleza, para essa indústria, o corpo feminino, hoje, porque nós estamos em uma regressão, há um masoquismo feminino aí regredindo. Antes, se a gente conquistou o feminismo, avançou na independência de mulher, hoje nós estamos vendo um retrocesso, uma submissão feminina na beleza, a mulher tem que ser isso tudo porque senão ela não arruma marido, né? E hoje tem que arrumar marido e rico, né? Eu fico brincando, às vezes eu escuto, eu já escutei de mães estimulando a menina para ir toda bonitona para as baladas é ver se descobre quem é o carinha mais

riquinho da noite e engravidar mesmo para garantir o futuro. Eu fico perguntando, que mãe não queria, uma mãe da classe média do senso comum brasileiro, um JBS como genro, né, um Joesley Batista como genro? Então, nós temos, gente, para mudar isso, nós temos que nos implicar, perguntar o que nós queremos. Se a gente quer continuar uma classe média defendendo privilégio e um ganho fácil e expondo e incentivando as filhas a venderem o corpo, porque a mulher bonita vende moto, vende cerveja, vende imóveis. Eu fico pensando, às vezes, eu ando por aí, acho que vocês estão cansados de ver, para vender, entregar aqueles folders de imóvel, tem que ser menininha bonitinha com um topzinho e nós aceitamos tudo. Então, essa falta de lei que ele falou, que o Estado, vocês falaram do Estado, eu vou me opor mais na cultura e na família, no aspecto psicossocial. Ele não dá conta, o Estado, diante dessa permissividade da família brasileira, dessa ausência de lei, dessa ausência da metáfora paterna que é simbólica, diante desse declínio da função paterna, porque função paterna e materna, simbolicamente, é quem interdita, quem aponta com a lei e tudo que o mercado não quer é intervenção "compre, agora, já, goze", né? É o que Lacan falou, é Kant com o Sade(F), o imperativo categórico kantiano, compre, e do Sade(F), goze, né? De uma forma gozar para a psicanálise, o conceito, é prazer e desprazer, é um prazer supérfluo, vazio, inconsistente, quer dizer, é muito mais uma demanda e, portanto, não gera satisfação e se não gera satisfação, obviamente é insatisfação, e a insatisfação é o quê? Tristeza, depressão, tédio, é angústia, é suicídio dos jovens, é isso para a droga é crack, é Cracolândia, é suicídio, é esse é caos. Agora, para o capitalismo, quanto mais caos melhor, o caos vende, vende psicotrópicos, a violência vende cerca elétrica, a gravidez precoce vende mamadeira, fralda, berço, berçário, babá, seja de qual classe social, a roda do mercado gira e é isso que importa, não é? Não importa se o impeachment 'fodeu' com a metade da população brasileira, importa é que o mercado gostou. Então, acabou. Quem é mais poderoso? A televisão, a Rede Globo faz o que quer, derruba, põe, coloca, passa. Ontem, eu fui assistir, liguei a televisão um pouquinho, que eu quase não assisto e por acaso estava no GNT, e há um novo seriado, Edifício Paraíso não sei o quê, começou agora, eu acho. E de cara, um casal tendo relação sexual, oral, ele fazendo sexo oral, vocês viram lá? E aí, a menina não conseguiu gozar, sai debaixo das cobertas xingando o marido que ele gozou e ela não gozou. Quer dizer, eram 11 horas da noite, essa criança poderia estar na cama da mãe, por acaso, entendeu? Então, a Xuxa, nós estamos em uma geração, vivemos o efeito Xuxa, essa erotização precoce que gera, então, a gravidez precoce e que gera violência sexual, porque cria um teor de erotização, e aí esbarra no machismo que nós estamos vendo também o recrudescimento de machismo. Então, todas essas mazelas da sociedade hoje, ela vende plástica, ela vende Botox. Eu lembro que uma amiga minha contou que a filha dela virou e falou assim: "mãe, quando é que eu vou poder colocar Botox? Eu vou ter que esperar até quando?" Então, nós temos comportamentos que nós reforçamos essa erotização precoce, essa libidização(F) excessiva. Quem aqui nunca foi em uma festa de aniversário em que a criança de três, quatro anos cantou para o menino ou para a menina, geralmente, obviamente: "Com quem será, com quem será que fulano vai casar?" Eu lembro que na primeira que eu fui, fiquei chocada, eu saí e pontuei, eu falei: olha, eu acho isso um absurdo. Vocês já estão colocando a menina para casar. Quer dizer, a menina tem que ser bonita, gostosa, tem que casar, o marido tem que ser rico, não sei o quê, e nós não queremos essas mazelas. Vocês estão falando aí do Procon da cidadania, eu estava lendo aqui cá a cartilha um pouquinho, eu lembro que cidadania, há 20 anos atrás, eu comecei no serviço público como professora de história municipal, porque eu tinha um ideal de mudar, de fazer cidadãos, hoje não existe cidadãos, são cliente. Cidadania é um conceito que acabou, ninguém fala em cidadania. Ontem, eu estava andando na rua e teve um carro na minha frente, domingo, eu percebi porque o trânsito, né, menos carro na rua. E ali no Santa Lúcia, um bairro chique, né? De repente, ele, acho que acabou de tomar o suco dele e jogou pela janela o suquinho lindinho dele, né? Então, isso ué normal, fila dupla, joga lixo, né? Outro dia também em uma pista de caminhada, a madame acabou de comer não sei o que lá que ela estava e jogou no chão. Eu catei e falei: "olha, acho que você deixou cair". Então, gente, vamos parar com essa desfaçatez,

classe média não quer direito, quer privilégio. Nós queremos competir, a minha filha tem que ser mais bonitinha a bundinha tem que ser mais redondinha, se não tiver, vai pôr silicone mesmo, né? E nós queremos estar dentro desses padrões sem questionar o que a gente quer, o que nós queremos dessa sociedade, nesse grau de submissão, de obediência, nós não vamos mudar nada, as meninas vão continuar tendo essa postura.

Bom, no contraponto disso um pouco, para a gente já ir finalizando. Poxa, mas então está o caos, né? Está mesmo, isso não precisa falar. A saída? Eu lembro de uma frase linda do Jorge Luis Borges, em um dos livros dele. "Um dos maiores acontecimentos da minha vida foi eu ser apresentado pela biblioteca do meu avô". Então, isso daí, o Brasil, em todas as pesquisas de leitura, ele pega um dos últimos lugares, senão o último. Então, uma sociedade sem regulamentação, sem lei, sem interdição, portanto, uma cidade perversa, nem precisa falar que a perversão que a gente está vivendo aí, *perversion*, vocês sabem, né? É caçoar da versão do pai, não levar a sério a lei do pai, a *perversion*. *Perv(F)* em francês é pai. Então, é uma sociedade sem lei que gera a psicopatia e isso tudo. Se não teve função paterna, cabe aos pais inserir a lei, essa lei simbólica, que é o "não", é frustrar a criança, a criança hoje não vai ser frustrada; "tadinha, não pode chorar", deixa o menino chorar lá a noite inteira que ele vai parar depois e nunca mais vai desobedecer. "Ah, não, tem que dar, porque senão ele fica enchendo o meu saco". Mãe que não quer que a criança encha o saco, não tenha filho, minha filha, porque criar filho dá trabalho, exige dedicação. Você quer paz, para quê? Liga as trompas logo. Eu liguei com 33 anos sem filho, ameacei meu médico, falei: uai, e se eu ficar grávida, você vai cuidar? Eu cuido da minha vida, não é não? Eu tenho que me implicar no que eu quero na minha vida, eu não estou à disposição do mercado não, eu não vou gerar renda para ninguém não, a não ser que eu queira. Aí Adélia Prado fala: "você tem que oferecer cultura, livros para o teu filho. Leva ela na livraria ao invés de levar no shopping". Outro dia, eu fui no shopping center comprar uma televisão, bem cedinho, porque eu detesto shopping center, cheguei lá, aí há a pouco, na hora que eu estou saindo, os pais chegando com as criancinhas de três, quatro anos, passeando ali pelo shopping. Eu falei: gente, isso aqui não é zoológico não, não é parque de diversão, né? Vai para um teatrinho, vai para uma coisa que confere sentido. O mercado, ele é um corroedor do sentido. Lacan fala: "o dinheiro sobressai quando tudo perde o sentido", aí só sobrou o dinheiro, que é o consumo, que é a sociedade de mercado, que é a vaidade, que é o narcisismo, que é a cultura do narcisismo, cultura do espetáculo, da visibilidade, da plástica, disso tudo. Bem, eu acho melhor, então, me formularam só isso. O Brasil cuida das suas crianças, da sua infância? Qual é a relação? Como é essa relação? Não, não cuida, nem os pais no geral. É lamentável, é uma devastação a infância no Brasil. Obrigado.

[aplausos]

SR. PRESIDENTE AMAURI ARTIMOS DA MATTÁ: Nós é que agradecemos, Prof. Inez Lemos. Ouvindo a sua fala, eu me recordei de uma palestra que eu vi há uns meses atrás, era de um médico neurologista, e ele falava exatamente dos horários da televisão, e ele lembrava que antigamente nós assistimos a novela das oito, né? Hoje, nós assistimos a novela das nove. E ele falava isso. São Paulo, enquanto o engarrafamento em São Paulo aumenta, as pessoas chegam em casa mais tarde e a mídia precisa ampliar os horários. E ele dizia isso dentro de um contexto que era o seguinte. Ele fez a discussão, ele fez a apresentação dos horários que a criança precisa dormir. Então, ele explicou que em determinada faixa etária você tem os horários certos para dormir, e ele dizia isso, que as crianças estão dormindo menos e estão adoecendo e deixando de ter qualidade de vida. Então, eu achei muito interessante, porque enquanto a gente está vendo o engarrafamento lá em São Paulo, os horários, eles estão se ampliando. Você falou de 11 horas da noite; vamos pensar, na sua época, na minha não, porque que eu sou novo, mas vamos pensar lá na sua infância. A gente já tem uma certa idade, mas vamos pensar se a gente lá, quando era

criança, todos nós aqui, se era comum a gente dormir 11 horas, meia-noite. Não era, a gente dormia... tem um horário para dormir, e o médico neurologista, na palestra, ele falou isso.

ORADOR NÃO IDENTIFICADO: [pronunciamento fora do microfone].

SR. PRESIDENTE AMAURI ARTIMOS DA MATTA: Então, essa questão é uma questão relevante, quando você falou das 11 horas, eu lembrei. Agora, com a palavra, a Dra. Patrícia. Fique à vontade, doutora, vamos continuar a discussão.

SRA. PATRÍCIA REGINA HENRIQUE PELES: Boa tarde a todos, é um prazer estar aqui com vocês, e falar depois de tantas pessoas que com tão notório saber nos engrandeceram tanto com vários conhecimentos, e eu espero cumprir um pouco das lacunas que foram deixadas em relação às expectativas que nós temos e na ampliação desses temas, que é um tema que não se esgota aqui, de forma alguma, é um tema que permanece na nossa discussão, porque nós precisamos e temos o dever de fazermos mudanças na nossa sociedade para que essas coisas não continuem ocorrendo. Mas eu chamo atenção primeiro para que o que o Dr. Celso falou, Dr. Celso bem disse que antes, os filhos casavam, continuavam morando perto dos pais e ficava todo mundo por ali e nós não tínhamos essa extensão tão grande. O mundo não era tão grande, né? E, na verdade, é isso mesmo, nós passamos por várias resoluções, nós passamos pela primeira revolução industrial, com a chegada do carvão que aumentou e dinamizou todas as produções no mundo, fazendo com que os produtos chegassem mais rápido, pudessem ser transportados de maneira mais sólidas, mais adequada, diminuindo as possibilidades de chegar em um lugar ou outro em uma impossibilidade que antes havia. Com isso o mundo ficou maior, mas passamos depois pela segunda revolução, nas linhas de montagem e aumentamos o consumismo ainda, e aí passamos pela terceira revolução industrial e hoje nós estamos na quarta revolução industrial, que é a revolução da informação. E essa revolução, ela nos traz algo importantíssimo dentro de um conhecimento interno de ser humano, ela aumentou em muito a nossa ansiedade, é ansiedade em ter, ansiedade em ser, ansiedade em fazer, em ouvir, em falar, em querer, em desejar e tudo mais. Então, hoje, raro a pessoa que não é ansiosa ou que não se diz ansiosa, onde ela não para querer e desejar algo incessantemente ou não tem uma certa dificuldade para a dormir porque o tempo foi pequeno, o dia foi pequeno e ela não conseguiu fazer tudo o que ela tinha para fazer durante o dia. Então, ela acessa lá os sites porque ela quer uma rápida resposta de como dormir. "Vamos dormir rápido, porque eu preciso acordar amanhã cedo e eu já estou dormindo tarde e amanhã eu tenho muito o que fazer". E com esse tempo corrido, com essa dificuldade em se ver, em se pensar, em se conhecer a si próprio e ao outro eu passo também a não conhecer meus próprios filhos, a não escutá-los, a não entendê-los, a não compreender exatamente aquilo que eles querem, mas eu tento extrair exatamente de tudo que eu escutei, percebi e vi e dou o meu entendimento sobre o que eu acho que eles precisam, mas eu vi isso na mídia, eu vi isso na internet, eu vi isso na conversa com os outros, não vi isso na conversa com o meu filho, e o entendimento, como o Dr. Celso falou, que é uma prerrogativa importante dentro do processo de se instaurar uma lei, de fazer uma identificação sobre o que possível, o que necessário, até onde a pessoa pode ir porque depende do entendimento dela; o entendimento é individual, ele é individual e ele depende da sua história de vida, ele depende do seu sentimento, lembra da ansiedade? Ele depende daquilo que você aprendeu na sua vida, depende daquilo que você tem de expectativa, depende do que já está na sua cabeça, porque, hoje, as pessoas divergem, brigam, discutem muito porque elas brigam por aquilo que está dentro da mente delas, que são as verdades que elas acreditam, aquilo que elas entendem como algo verdadeiro, necessário, importante que é do mundo delas é elas dominam essa verdade e impõe essa verdade ao outro, impondo também essa verdade às crianças. E aí, a criança deixou de ser criança, porque a criança está estão esperta hoje pelo excesso de estimulação, hoje, a grávida, ela já não faz tanto

repouso. Então, a criança já nasce com os olhinhos abertos, muito diferente do que era há 30/40 anos, que elas nasciam mais quietinhas, ficavam no quartinho escuro, hoje não, hoje a mãe, 12 horas depois de um parto já toma um banho dos pés à cabeça e já está em pé trocando a fraldinha da criança, é a ansiedade desses tempos modernos, onde nós precisamos ter essa autonomia e fazemos tudo, damos conta desse recado, tá? Aí a criança, ao invés de estar toda apertadinha no cueiro, ela está mais soltinha e com isso, ela está tendo um processo de estimulação muito maior, está desenvolvendo neurologicamente com uma eficiência muito maior que é muito bom para ela, porque vai expandir a cognição, essa consciência em relação aos processos cognitivos vai crescer, vai ampliar, ela vai ficar muito atenta, muito mais atenta a tudo que está acontecendo e ela tem comparativamente mais conhecimento hoje da nossa sociedade se comparada às mesmas crianças de gerações anteriores a ela. Sim, esse é chamado efeito *fly(F)*, já é pesquisado no mundo inteiro. Então, ela tem mais conhecimento, daí ela surpreende a família, dizendo coisas que ninguém imaginava. E aí, essa família diz: "nossa, como essa criança cresceu, olha como ele é esperto, muito mais do que eu era". E dá mais liberdade a essa criança, dá a ela mais condições de falar, dá a ela mais condições de querer as coisas, dá a ela mais possibilidade de ficar na frente da TV, porque também os pais estão correndo muito atrás das coisas, não tem jeito mais de levar na pracinha todos os dias, você leva para frente de televisão todos os dias, você logo compra uma telinha para a criança, para o bebezinho ficar hipnotizado vendo a Galinha Pintadinha um milhão de vezes enquanto a mamãe refoga papinha. Então, você está estimulando o seu filho, mas não o educa nesse momento. E nesse processo ali, você entrega a educação a algo que é de uma autonomia que ele não tem e ele tem não condição de ter, tá? Algo importante também que foi dito no início, Dr. Celso disse, que a criança é o tutelado, ele disse: "ele é o incapaz", e eu concordo, ele é um incapaz. Por quê? Porque a criança de zero dia de nascimento, desde o momento da gestação que ela está lá na barriguinha, não o dia que ela nasceu, mas desde o momento da concepção dela, até um ano e oito meses, ela terá ali um bum de conexões neurológicas, esse bebê vai ter transmissões nervosas, sinapses no cérebro de uma forma tão intensa que nunca mais ele terá depois na vida dele em um mesmo tempo. De um ano e oito meses até os dezoito anos dessa vida, desse ciclo de vida desse sujeito, ele está ali completando o amadurecimento do sistema nervoso central dele. Isso quer dizer que com 12 anos ele é extremamente inteligente, bacana, legal, mas ele não tem condições de tomar decisões. Ah, você acha ele maduro, mas ele não tem condições de responder por ele próprio, ok? Com sete anos, uma criança não pode decidir exatamente o que ela quer, o que é bom para ela, quanto tempo ela pode ficar com um brinquedo ou não. Quem tem que decidir é a família, são os pais que se pretendem ali aqueles que cuidam daquele que é o incapaz, daquele que não dá conta, são os pais os responsáveis. Por quê? Porque a criança não formou ainda todo o lobo frontal dela, e essa parte do cérebro, o lobo frontal que dá ao sujeito a condição de ser capaz de tomar decisões, de fazer bons julgamentos, de controlar a impulsividade, de fazer bons planejamentos, de fazer excelentes julgamentos, ele não é capaz, não se pode cobrar isso dessa criança, nesse momento, mas estimular. Mas como é que você vai estimular a tomada de decisão, o planejamento se você está estimulando muito a capacidade cognitiva de memorização, de atenção nos jogos eletrônicos, mas não tem uma conversa sobre moralidade, não senta para conversar com ele em relação a processos morais, não diz a ele de pensamentos sociais, não debate sobre questões que estão acontecendo no mundo, não faz com que sua filha, então, tenha uma educação formalizada ali, você está sendo ótimo, mostrando para ele a capacidade cognitiva que ele tem que ter, e tem que ter mesmo, porque daqui a alguns anos nós não teremos mais os mesmos meios de produção, as mesmas profissões, o mundo vai mudar muito mais do que ele já mudou, e eles precisam estar preparados sim, precisam até dar conta dessa ansiedade que vai acontecer, que vai romper muito mais, mas eles não farão isso sem uma boa mediação, eles não estarão preparados sem uma boa intervenção, e cabe à família esse preparo. Agora, esses pais estão preparados para essa intervenção? Será que esses pais podem ter essas conversas? Por quê? Porque na hora que a família começa a conversar: "filho, você fez uma coisa

errada”, “ah, mas eu...”, “não fala agora, que eu agora eu estou falando”. E aí, ele quer passar um fio, como se fosse um curativo ali em um fio desencapado: “agora chega, vai pensar sobre isso lá no seu quarto, que eu tenho muita coisa para fazer. Faça sua reflexão e depois conversaremos”. Então, o propósito na educação é aquela educação imediatista onde o filho tem que dar uma resposta pronta e o pai tem que ter o band-aid naquela hora com o mertiolate para passar naquela ferida moral, quando ele percebe, quando ele não acha que: “ah, isso é da adolescência”, “isso é uma gracinha”, “ah, é porque ele é muito espertinho, ele é assim desde o início”, ou quando, né, ele não coloca, então, que aquilo ali realmente era para acontecer mesmo, né? A sociedade que não estava preparada para isso. Então, como a Dra. Inez falou, a nossa sociedade, ela retroalimenta essa cultura, porque eu quero que ele seja ótimo, eu quero que ele brilhe, e aí eu dou todos os instrumentos para ele brilhar, então eu vou no shopping, consumo tudo, estourando o cartão de crédito e cobrando dele uma postura frente aquilo tudo que eu te ofereci. Então, como eu te ofereci tanto e você está me devolvendo tão pouco? Então, o importante nesse modelo ali, é de você entender e fazer uma reabilitação desses pais hoje, porque nós não podemos esperar para todo um processo de mudança nessa geração acontecer, nós precisamos mudar hoje o que está aí, nós precisamos salvar essas crianças, precisamos dar instrumentos para esses pais, precisamos capacitar essas famílias, precisamos ensinar a mãe como falar, o que falar. Precisamos dizer a ela: “você sabe elogiar o seu filho?”. Não é elogiar: “olha que lindo está o seu cabelo”, só isso. Eu preciso dizer a ele quanto bonito ele é, quanto bom ele é naquilo que essencialmente ele realmente é e realmente o faz. Eu preciso que ele se sinta realmente pertencendo a uma família que o deseja, que tem aspirações positivas em relação a ele e que ele cumpre sim o papel dele dentro da família. Mas será que os pais conseguem dizer desse modelo para os filhos? Porque a maioria dos meus pacientes adolescentes não se sentem entendidos, e a maioria dos pais que procuram também para atendimento psicoterápico não sabem como dizer, como falar, como colocar para a criança o amor deles, colocam muito mais a expectativa do desejo que eles gostariam de ver nos filhos e não aquilo que lhes sentem pelos filhos, que é muito maior e que daria uma base muito melhor de um direcionamento e de um reencantamento ali em relação a um novo modelo de família, de ser, de estar e de se colocar. Então, eu acredito que mesmo nesse lugar com tanta informação, poucas pessoas conseguem transformar a informação em conhecimento, porque não conseguem ter por uma educação, por uma falta de educação, por um excesso de ansiedade, não conseguem fazer essa interpretação para ter um entendimento melhor, mais claro e mais necessário em relação aos processos de informações que estão disponíveis. Se você abre a internet, tem lá listas e listas de como educar, mas será que está escrito da forma que as pessoas entendem? Será que está dito da maneira com que as pessoas conseguem ouvir? Será que os pais conseguem ficar 20 minutos hoje escutando uma palestra? A ansiedade é tão grande que eles deixam lá e vão fazer outras coisas. Então, você precisa de algo que vá direcionado a essa família para responder a uma demanda específica e para modificar aquilo que ele tem internamente que é o entendimento dele, mostrando a ele o que fazer, como fazer e de uma forma simples, não vai gastar todo o dinheiro da sua carteira, vai gastar o tempo que você precisar aprender a mediar melhor, vai gastar o seu olhar, que você precisa aprender a direcionar melhor, vai gastar um pouco do seu sentimento que você precisa aprender a mostrar melhor. Então, é um novo modelo de se repensar uma educação. Vontade as pessoas têm, muitas vezes elas não têm o conhecimento necessário, precisam transformar a informação que existe em algo que elas possam utilizar, saber fazer. Então, esse é um processo importante.

Eu queria que vocês assistissem agora, pode ser? Um vídeo que eu trouxe que está disponível na minha página que fala um pouquinho sobre isso e talvez até, neste momento, dentro de uma outra linguagem de um outro meio de comunicação vocês compreendam de uma forma diferente para a gente voltar a conversar. É rapidinho.

ORADOR NÃO IDENTIFICADO: *A internet é a mais importante ferramenta produzida pela humanidade nos últimos 50 anos. Mas seus processos enredaram uma rede de informações que relaciona os antigos televisão e rádio além dos atuais computadores e os smartphones, como instrumentos reprodutores de cultura quase que obrigatórios e responsáveis pela organização de mercado. As tecnologias integradas nos bombardeiam com propagandas e oportunidades que parecem práticas saudáveis, mas que muitas vezes se constituem como ciladas para o consumo inconsciente, relacionando ansiedade e a impulsividade em consumir e a felicidade das pessoas. De outro lado, nasce um bebê, o nascimento de um filho é cercado de muita alegria e expectativa. E como será o seu futuro? O carinho e o cuidado são fundamentais e devem ser constantes, isso não se questiona, mas os cuidados dos pais vão além. A geração Z nasceu envolvida na era da informação e seus movimentos compulsivos de mercado relacionando o consumo com liberdade. O filho cresce rápido e aprende mais rápido ainda. Aos três ou quatro anos precisa receber uma constante orientação sobre como agir, o que valorizar, do que se afastar e perceber que os pais são sua maior referência. A criança é impulsionada por condutas sociais, mas os pais desde cedo expressam também a sua ansiedade na necessidade de elas se manifestarem, sobre sua identidade sexual, questionando paquerinhas e namoricos da escolinha ou mesmo de playground. Apesar de não fazer sentido, isso desperta para o tema e faz ceder a inocência pueril da criança tanto que aos cinco ou seis anos, eles começam a demonstrar interesses em brincadeiras mais ousadas, como meninas usando maquiagem e os meninos procurando uma menina para namorar, eles estão à mercê desse mercado abusivo que nos envolve em todos os lugares, por onde andamos e vivemos. No mercado, o sexo é uma expressão de poder, ele é enaltecido em novelas, enquanto os youtubers são uma coqueluche dialogando sobre assuntos que pertence à geração Z e com muitos palavrões ditam regras de comportamento descolados ao mesmo tempo em que cantores da moda desfilam sua sexualidade em letras de música e danças, como modelo de sucesso. Por outro lado, os pais abandonaram a orientação sexual das crianças e adolescentes, terceirizando esse processo para as escolas; nelas, o sexo é relacionado à reprodução, com muita ciência natural e não muita ciência comportamental. Assim, o sexo será discutido para muitos adolescentes, apenas entre seus grupos sociais, nos quais a sexualidade virou objeto de marketing, de consumo, do reconhecimento de uma identidade deturpada. A geração dos adolescentes atual é a Z, a mera proibição não faz parte de sua linguagem, mas um obstáculo para que os pais recuperem seus espaços e sua legitimidade. Há muitas portas no mundo que não existiam há 20 anos atrás, precisamos fomentar um espaço de diálogo para que, pelo menos, a quantidade exorbitante de informação que eles recebem contenha fundamentos de qualidade. Caso contrário, continuarão a desenvolver a ansiedade e impulsividade sem nenhuma reflexão, o que enreda os nossos jovens em processos que distorcem sua percepção e propiciam julgamentos cada vez mais inadequados. Saibamos que o cérebro atinge maturidade depois dos dezoito anos e o jovem se torna capaz de reconhecer a si próprio com mais eficiência, de resistir a muitos impulsos errados, mas isso somente é possível se uma base cultural for previamente concebida na infância e na juventude. Perceba mais como seu filho é, tente reconhecê-lo por fora, mas, principalmente, por dentro. A geração Z quer ser ouvida, quer manifestar sua opinião, então ouça mais seu filho e procure entender um pouco mais sobre o seu desenvolvimento, pois isso fará você repensar a sua forma de se comunicar com ele. E lembre-se, a comunicação é comum ação, então você deve ter um espaço para falar, mas não se esqueça de oferecer um espaço para que ele fale, ouvindo o que ele tem a dizer.*

SRA. PATRÍCIA REGINA HENRIQUE PELES: Então, algo importante também para a gente lembrar, é que quando as crianças são pequenininhas, os pais são a referência, quando eles se tornam adolescentes, o grupo social deles passa a ser a referência. Então, se o pai não conseguiu esse desenvolvimento desse relacionamento fortalecido na primeira infância, esse laço ficará muito mais distante, então, na adolescência. Então, é importante saber quais são os grupos sociais deles, com quem ele anda, com quem ele fala, quais são as pessoas mais próximas, quais são os youtubers que

ele assiste mais, e aí se você fica distante e sem querer entrar e assistir também a ele, você fica sem saber que tipo de informação que seu filho está recebendo e rapó(F) é uma coisa que nós psicólogos aprendemos para um desenvolvimento de empatia com nosso paciente, mas é algo que os pais também deveriam aprender a fazer com os filhos, que é antes de impor ali já na adolescência algo que você quer que ele entenda, pense, sente, tente também primeiro entendê-lo, senti-lo, compreendê-lo para, então, você conseguir fazer a linguagem que ele espera, falar com ele na linguagem que ele espera para que então você consiga esse movimento de orientação que ele precisa, que é necessário e que é você pai e mãe quem deve fazer. Obrigada.

[aplausos]

SR. PRESIDENTE AMAURI ARTIMOS DA MATTA: Obrigado, Dra. Patrícia, pela exposição brilhante. E quando a gente vê essa discussão de erotização precoce, é uma antecipação de anos para a criança. Aí eu fico pensando em uma outra situação que eu depois gostaria também de ouvir de vocês duas, que é o fato de a criança que sofreu a erotização precoce e mais que isso, sofreu ainda a dúvida em relação a própria aceitação sexual e a própria homossexualidade, né? Então, você tem uma questão você já antecipa e além disso, aquela criança, aquela adolescente que não sabe para que lado que ela vai. Ainda tem isso também, a questão de homossexualidade que é uma coisa que toca mais profundamente ainda a jovem ou o jovem, não importa, e também a questão nossa, da situação do país em que grande parte das famílias sai para trabalhar de madrugada, morando nas periferias e eu nasci no Rio de Janeiro, eu tenho assim bem uma visão, a pessoa sai lá na Baixada Fluminense às 4 horas da manhã de trem para chegar no centro da cidade entre seis e o sete horas, chega em casa altas horas da noite, não vê o filho, o filho fica com o irmão e muitas vezes em uma comunidade em que o tráfico faz o que quer, manda e desmanda no hábito das pessoas, quer dizer, a falta total de condições, inclusive, de olhar pelos seus filhos. Então, você tem uma série de problemas aí, todo um contexto que acontece, mas que eu acho que agora a gente pode compartilhar um pouquinho com o público para que vocês possam fazer as perguntas e acho que todos aqui estão à disposição para respondê-las. Eu vou fazer uma coisa bem objetiva. Eu vou anotar aqui, pergunta inicialmente, quem deseja fazer pergunta, eu vou anotando o nome e depois, a gente, na sequência, vai pedindo para... Marcelo, Alessandra, quem mais? Sem perguntas? Vamos desinibir, Humberto? Humberto. Bom, a gente começa então com os três. Com a palavra, então, Marcelo. Fique à vontade, Marcelo.

SR. MARCELO: Boa noite. Me parece que a falta de estrutura familiar tem potencializado a erotização precoce e a exploração sexual. Eu queria fazer uma pergunta ao Dr. Celso. Quais caminhos a promotoria tem tomado ou tem feito para que haja uma prevenção nesse sentido? Muitas vezes a gente consegue enxergar ali algo repreensivo, mas existem medidas preventivas que são implantadas pela promotoria?

SR. CELSO PENNA FERNANDES JUNIOR: Na verdade, é difícil implantar medida preventiva em relação a isso, sem que isso prejudique o direito à liberdade de expressão e pensamento. Mas, de qualquer forma, recentemente, já tem um tempo, nós entramos com umas ações civis contra uns jornais aqui de Belo Horizonte, por expor fotos de mulheres seminuas na capa, né? E aí, nós fizemos um Termo de Ajustamento de Conduta com um deles e estamos finalizando com um outro para adequar essas fotos ao que consta na classificação indicativa para que elas não fiquem afrontando o que uma criança poderia ver segundo a classificação indicativa. O raciocínio que nós seguimos nessa ação foi o seguinte. Muito embora não se aplique a classificação indicativa para os jornais, seria para rádio, TV e espetáculo público, analogicamente esses critérios que são objetivos, são definidos lá por um ato de governo com participação da sociedade e tudo mais, poderiam também ser aplicados

no caso de um jornal que expõe uma foto na rua, na banca que não é adequada ao que pelo menos a Classificação indicativa determina, coloca lá, não adequada uma criança com menos de doze anos de idade. Então, isso foi uma ação nossa. Agora, de qualquer forma, estou vendo aqui vários conselheiros tutelares, o Conselho Tutelar, segundo a lei, ele é o representante da comunidade caso a comunidade se sinta afrontada por algum programa, alguma coisa, ele pode e tem o direito de representar junto às autoridades, Ministério Público, Poder Judiciário ou quem quer que seja mesmo o Ministério da Justiça para que essa questão seja equacionada, se alguém se sentir prejudicada diante de qualquer propaganda de qualquer programa, enfim, o Conselho Tutelar pode levar essa demanda da sociedade, pela lei, ele é quem tem que fazer isso, mas qualquer cidadão também pode levar ao conhecimento do Ministério Público. Agora, recentemente, eu estou com um procedimento lá na promotoria exatamente do YouTube. Uma pessoa anônima reclamando de vídeo no YouTube, falando que ele é inadequado, etc. e tal. Vou ver que arquivar, porque o problema é exatamente... fazendo um paralelo com o que o Supremo já decidiu em relação aos programas de TV, porque os jogos eles são classificados, né? Ainda que eles sejam impróprios para menores de dezoito anos, o acesso tem que ser controlado pela família, não há pelo que o Supremo vem entendendo, cabe à família esse controle. Então, você não pode simplesmente tirar do YouTube uma coisa que não é adequada para uma criança ou para um adolescente porque existe a possibilidade de eles virem a ter acesso isso na casa deles, tá? Então, esse é que é o problema.

SRA. ALESSANDRA: Boa noite. Eu convivo muito com crianças e adolescentes, porque eu sou professora de escola pública, e eu gostaria de saber a opinião de Dra. Patrícia e a Dra. Inez sobre a posição da escola em relação à estrutura familiar.

SRA. PATRÍCIA REGINA HENRIQUE PELES: Então, eu acho que a escola, ela é uma parceira importantíssima da família, onde a família busca primeiro para um conselho, uma informação, um direcionamento para o que saber. Então, quando a escola tem esse canal de abertura e essa família tem essa necessidade ou essa disposição de ir buscar, o interesse de ir buscar, acredito que seja uma parceria muito boa, o que ela precisa é ter realmente uma possibilidade de dar o treinamento e o conhecimento que a família precisa. O que não pode ocorrer é que quando a família procura a escola, a escola dizer: "ah, seu filho realmente não comporta", "seu filho realmente é indisciplinado", "seu filho realmente não faz nada certo", "você dê um jeito nele". Por quê? Porque filho não vem com manual de instrução. Pai e mãe não sabem como educar ali, porque ele educa muito como princípio da educação que ele recebeu e pelo julgamento da educação que ele recebeu. Se ele recebeu uma educação e ele gostou, ele vai e oferece a mesma educação para o filho, se ele recebeu uma educação e não gostou ele oferece o oposto. Só que quando o filho nasce, ele nasce com uma outra personalidade, é um novo indivíduo, o que não quer dizer que aquele modelo que ele gosta mais de educação sirva para aquele menino, porque se você tem cinco filhos, você sabe, cada um tem uma personalidade diferente e um tipo de comunicação não serve para ser dita para todos de uma forma igual, você tem que dosar isso. E, acredito que a família deveria receber primeiro da escola essas orientações de: "olha, o seu filho está indisciplinado, o que você pode fazer? Como você pode nos ajudar? E quais são as qualidades que ele tem também, no que ele é bom para que então ele seja valorizado?", porque também não adianta o pai chegar em casa depois de uma discussão com a professora colocar o filho de castigo, porque castigo não faz milagre. Dependendo da personalidade, deixa o sujeito mais revoltado, faz com que ele não queira mais voltar para escola, tenha birra de quem conversou com ele, ou fica extremamente envergonhado, mas também não tem muita saída de como fazer. O dizer como ele é mais importante e ele é o mais difícil. Então, nem todo mundo tem acesso a um psicólogo, nem todo mundo tem acesso a uma informação de qualidade. Acredito que às escolas todas deveriam ter psicólogos, para esse processo de mediação ser um processo muito mais tranquilo de melhor valor para as pessoas. E dentro dessa minha experiência de trabalho, eu criei ao longo dos anos, algumas formas, algumas maneiras de se reabilitar pessoas, de se reeducá-la dependendo do

objetivo que elas têm. Então, a minha última pesquisa é exatamente isso, como dar informação para essas pessoas e ela está totalmente disponível, gratuita para quem quiser na página da [ininteligível].

SRA. INEZ LEMOS: É interessante a sua pergunta, porque eu migrei da educação para a psicanálise justamente em busca de material, de um campo teórico mais consistente para repensar educação. E foi mais ou menos no início dos anos 90, e quando eu estava desenvolvendo a minha pesquisa, fiquei dois anos em uma pesquisa, concentrei em uma pesquisa qualitativa em dois colégios, um de escola pública, dentro de uma favela, de uma vila, vilas e favelas aí, e outra dentro de um grande colégio particular de classe média alta e ambos apontaram, os jovens, eu perguntava o que faltava na vida do jovem, qual era o maior sonho deles, porque o tema era violência entre os jovens. Uma vez que começava a violência entre os jovens de classe média, lembra? Um grupo no Rio assaltando empregada doméstica, pessoas jovens de grandes condomínios, depois aqueles de Brasília, filhos de juízes que queimaram o índio achando que era mendigo. Então, o foco na violência ficava assim: "ah, não, vou comprar apartamento, não posso comprar perto de favela não, porque é perigoso", sendo que o perigo podia estar dentro, na porta ao lado. Então, se a violência, o crime privilégio, não é uma questão social, então, ela é psíquica, o buraco é mais embaixo, passa por quê? Por uma insatisfação? Haja vista aí o Estado Islâmico fica capturando jovens, inclusive do Brasil, infelizes. "Em vez de suicidar, eu vou para o Estado Islâmico, quem sabe é uma experiência emocionante?". Então, esses jovens todos apontaram para ausência dos pais, jovens ricos filhos de médicos frustrados porque não conviviam com os pais. Então, essa escola pública também deflagra essa falha, esse fracasso da educação que é, igual ela falou, a criança nasce, ela é um pedaço, Lacan chamou, é um *janbon*. *Janbon* em Frances é presunto, né? É um pedaço de carne, ela não tem nada ali, com a convivência é que ela vai sendo marcada simbolicamente, pela linguagem. Então, o que ela escuta, o que ela vê, o que ela ouve, então são crianças que chegam na escola já atravessados por sintomas e valores de todo o tipo. Então, é um absurdo realmente a escola ainda querer devolver essa responsabilidade para a criança, e geralmente é uma educação punitiva, né? O que as escolas adoram, tanto é que existe, eu acho que em algumas escolas ainda existe fazer ocorrência da criança, do jovem infratorzinho ali, né? Vamos fazer ocorrência, né, que é um termo policial. Então, é uma sociedade, igualo o Foucault falou, né, da disciplina, da punição, Vigiar e Punir, o livro dele e para castrar essa fala, fazer esse sujeito falar. Então, nas escolas, tinha que ter mesmo profissionais da psicanálise, da psicologia para dar ouvido a essa criança e orientar esses pais. Agora, gente, ter filho é um desafio absurdo, seja para a classe rica ou pobre. Quem não pode cumprir com esse desafio tem que repensar isso. Nós não podemos empurrar com a barriga gerações aí, são vidas que vão para o ralo e que não conseguem mesmo, depois é até os sete, oito anos, essa criança, esse inconsciente sendo estruturado ali pela linguagem, pela convivência dos pais, exposto hoje, igual ela mostrou no vídeo, hoje, muito menino é educado pelos celulares, pelos vídeos e os pais nem tomam conhecimento, às vezes. Está formando um perversinho, um criminoso dentro de casa sem saber. Depois, na hora que ele for preso aí, igual muitos aí estão tendo algumas surpresas: "não sabia que meu filho era bandido", "pensei que ele era um político de alto gabarito", né? Então, é isso! Então, esse inconsciente está sendo contaminado o tempo todo por essa exposição, e os pais acham lindo, às vezes até eles mesmos expõem os filhos no Face. "Olha que lindo minha filhinha aqui dançando a dança da garrafinha". Então, quem gera a geração precoce? Quem gera o criminoso? Nenhuma criança nasce bandida, criminosa, desonesta, violência, psicopata, tudo isso é em um processo de educação não formal. Não estou falando de escolaridade, da convivência, aspectos psíquicos sociais. Então, a escola, ela que fazer essa interlocução e chamar mais companheiros, é uma ação interdisciplinar, Ministério Público, família, serviço social, Conselho Tutelar, o Estado, porque é briga para cachorro grande, nessa sociedade onde a criança fica exposta 24 horas a esse lixo televisivo, a esse lixo social que é o tudo, porque às vezes aprende com a vó, com a vizinha, com a irmã, hoje a gente

não pode pôr a mão no fogo por ninguém. Então, fica complicado. Não é acusar, não é culpabilizar como ela falou, não adianta. A mãe do primeiro filho, não é a mãe do segundo, ela já tem um outro, o olhar da mãe para um filho não é para o outro, aquele filho pode se sentir rejeitado, excluído, exclusão gera violência, gera revolta, nós somos uma sociedade competitiva, narcisista, estamos o tempo todo tentando excluir o diferente. Então, nós somos geradores de violência. A corrupção está na sociedade, nós geramos um ambiente corrupto, agressivo, inadequado, tóxico para a educação infantil, infanto-juvenil, e a escola tem que ampliar, ela tem que abrir as portas e fazer essa interlocução com essas áreas interdisciplinares e ter boa vontade, ter desejo. Igual ela falou, vontade política, porque isso é uma questão política, político educacional e isso foi interessante que eu acho que ele falou no início. É César, né? Educação é uma função social, se você ver uma mãe batendo em uma criança na rua, tem que intervir, não é: "não, o filho é meu, eu faço o que eu quero". É igual a questão hídrica: "a água é minha, eu pago, e gasto o tanto que eu quero". Não, é um corpo humano, portanto é um bem que tem que ser e ele é vulnerável, tanto a criança quanto o idoso, então é de responsabilidade de todos nós. Obrigada.

SR. PRESIDENTE AMAURI ARTIMOS DA MATTA: Humberto. É isso? Falta Humberto.

SR. HUMBERTO: Boa noite, é uma pergunta breve e pode ser dirigida tanto à Dra. Patrícia como também ao Dr. Celso. Dra. Patrícia, você falou no contexto da erotização precoce e eu gostaria, se possível, que você fizesse alguma relação entre essa erotização precoce e uma certa adolescência tardia que a gente tem visto. Em relação um fenômeno cultural cuja pergunta vai ser para você e também para o Dr. Celso, são os funkeiros mirins, sempre me chama a atenção o fato de que você tem uma criança de oito anos, adolescente de doze anos, treze anos, cantando uma música altamente erotizada e ainda encontra gente para ouvir, adultas para ouvirem. Então, isso me chama muito atenção, tanto a erotização precoce como adolescência tardia. E desse ponto de vista da promotoria, como a promotoria pode, do ponto de vista jurídico, lidar em uma situação como essa, onde você tem a autonomia da família e dizer: "olha, é aquilo que está trazendo renda para a família, vem de uma comunidade carente, então é melhor ele estar trabalhando do que estar envolvido", enfim, essas desculpas ou justificativas, parecem legítimas ou não, mas são sempre colocadas nesse caso. Obrigado.

SRA. PATRÍCIA REGINA HENRIQUE PELES: Tua pergunta é algo bem cotidiano nas vidas das pessoas hoje, porque, realmente, as músicas, estão extremamente erotizadas e o funk, principalmente, ele pega uma população grande de crianças e adolescentes que se misturam ali naquelas músicas, passam a fazer daquelas músicas ritmos das vidas deles e colocam de uma forma banal a questão de sexualidade. Então, mais uma vez é a questão realmente da censura que deveria existir em relação a esse processo, mas não acredito que essa censura deveria ser necessariamente pelos órgãos públicos, porque nós vivemos em uma sociedade hoje onde isso não é mais algo esperado pela determinação de Supremo, mas sim por uma família mais presente, uma família que desvia a atenção desse menino para outras coisas, porque muitas vezes ele fica lá, ele não escuta uma horinha só aquilo não, ele fica aquilo ali durante muitas e muitas horas. Significa também que ele não tem muito o que fazer, né? Algo diferente daquilo. Então, é como, por exemplo, quando vem a pulsão sexual na criança de cinco, seis anos, o que é recomendado é que se tenha medidas educacionais para se conduzir a criança para os outros olhares, para dominar o tempo dela com outras situações tão prazerosas quanto que seja, por exemplo, se envolver com uma educação, na construção de conhecimento, com o processo de alfabetização. Então, esses meninos, eles ficam ali inseridos nesse espaço, vulgarizando aquela situação realmente, mas sem um limite. Então, as meninas saem preparadas de casa, não há um limite para aquelas roupas que elas usam, para o tipo de música que os jovens falam, cantam, letra, que eles falam e cantam, e aquilo que eu disse,

quando você chega em uma adolescência e hoje essa adolescência é cada vez mais precoce, os pais vão perdendo a sua autoridade, o seu poder, e aí o poder vira do próprio adolescente. Então, se um adolescente que é líder, ele cantou a músicas para os outros, os outros começam a cantar aquela música também, e aquilo passa a ser um rito, passa a ser um ritmo normal da vida deles e eles se inserem dentro daquilo em um contexto muito fácil, é como uma faísca que pega fogo rápido dentro de palha seca, tá? Então, a medida não é essa, porque isso já é consequência, né? Então, medidas para você conter essas consequências são medidas drásticas muitas vezes, mas tem que se pensar agora em uma medida a longo prazo de um processo de recondução disso. Por isso que acredito tanto na reabilitação, porque eu não posso jogar fora toda essa adolescência, eu não posso culpar todos esses pais e deixá-los nesse lugar de sem solução, eu preciso dar a esses pais a ideia de que, olha, quanto tempo ele passa lá? Quais são as outras coisas que ele tem para fazer? Porque aquilo é tão prazeroso que não existe outra coisa tão prazerosa para ele também. Então, por que você não oferece outras coisas para ele também fazer? Então, antes, quando as crianças, elas eram mais cobradas por uma política de autoridade: "você tem o dever", "você tem que fazer", "você tem que ser referência para o seu irmão", "você tem que ser um bom menino". Essas cobranças eram importantes e essas crianças, elas eram muito mais formadas dentro desse perfil. Hoje, com essa ansiedade do seja feliz e vai viver sua vida e fique bem, essa vida é boa e vai curtir adoidado, o limite está muito pequeno. Então, essa família precisa ser despertada, porque ele está indo buscando um prazer, mas ele pode ter prazer em outras coisas, ele só precisa ser redirecionado, esse pai precisa dar uma redireção, ele precisa mostrar outros caminhos, então é uma nova abertura. E a extensão da adolescência, hoje, se faz algo como um fenômeno social, porque adolescente é bom demais, né? Faz tudo quanto é coisa errada e nada cai sobre ele, então é outra coisa que acontece na família brasileira também, onde ela estende essa adolescência e diz: "tadinho do meu filho, ele não dá conta, ele não é capaz, ele não pode", e aí vai dando a ele todas as possibilidades para ele ficar lá naquele ninho, para ele não sair, e aí você tem hoje avôs cuidando de família. Por quê? Porque aquele filho não foi capaz de se estruturar ao longo do desenvolvimento dele para ser capaz de cuidar da própria família. Então, ele se mantém por muito mais tempo nessa relação de dependência, porque foi muito mais fácil dar essa liberdade para a ele, mas uma liberdade sem a consciência de responsabilidade. Então, não foi desenvolvida nele, por isso ele gruda, ele fica lá naquele lugar de prazer e não sai.

ORADOR NÃO IDENTIFICADO: [pronunciamento fora do microfone].

SRA. PATRÍCIA REGINA HENRIQUE PELES: Os pais, eles tiveram uma educação... Só para todos ouvirem.

ORADOR NÃO IDENTIFICADO: O que você quer dizer é o seguinte, os pais que deveriam educar essas crianças, eles também não foram educados? Porque aí eu estou falando por causa da minha idade, eu já sou bisavô. Então, o que acontece? Os filhos meus e dessa geração minha, eles foram criados e educados com mais liberdade, então eles não tiveram esse limite para poder ter essa consciência de educar os filhos e nós chegamos a esse ponto em que você mesma falou que o menino não tem um--

SRA. PATRÍCIA REGINA HENRIQUE PELES: Uma responsabilidade grande.

ORADOR NÃO IDENTIFICADO: Não, ele não tem um manual, mas eles não foram ensinados, eles não foram educados a bom tempo, não é isso?

SRA. PATRÍCIA REGINA HENRIQUE PELES: Então, assim, não é que a culpa é de um ou que a culpa de outro, não existe a culpa, que se insere em uma pessoa. A culpa

é de um sistema onde as pessoas deveriam ter sido melhor informadas, deveriam ter melhor e maior entendimento, mas passa por um entendimento pessoal. Então, por exemplo, educação é algo que passa por um entendimento pessoal, porque a educação que você recebeu da sua mãe, do seu pai, você fez um julgamento dela, assim como o seu irmão que recebeu uma educação parecida, não exatamente igual, mas parecida porque eram os mesmos genitores, mas para ele foi diferente, porque interpretação dele foi diferente. Agora, o que você faz com essa interpretação é o que vai gerar no futuro a repercussão desses atos. Então, a partir daquilo que você interpretou: "nossa, eu tive uma educação excelente, eu vou dar a mesma educação para os meus filhos", só que eles são outros, é outra geração, eles recebem aquilo de outro jeito. Então, eles se rebelam, eles não gostam, eles criticam.

ORADOR NÃO IDENTIFICADO: É um pedacinho de carne [ininteligível], igual ela falou, né? Que cada um vai ser de um jeito.

SRA. PATRÍCIA REGINA HENRIQUE PELES: Isso, a neurobiologia do ser humano, ela é muito distinta. Quando ele nasce, ele já tem não uma personalidade formada, mas já tem uma pequena parte daquilo que ele é, e que vai fazendo com que ele interprete as coisas ao longo do tempo. Então, é muito subjetivo, é muito individual, por isso que eu acredito nessa educação para ele nesse momento de formação e quando ele já passou desse momento de formação que ele deverá ter sido melhor educado pelos parâmetros de comportamento dele, pelos parâmetros de personalidade dele, individuais, aí eu acredito na reabilitação, sempre na vida.

SRA. INEZ LEMOS: Quando você fala que os pais não estavam preparados. Eu brinco, existe curso para tomar vinho, para fazer congelados, pudim e não existe curso... eu, quando montei meu consultório há quase trinta anos atrás, eu tive o cuidado de comprar uma sala grande porque eu tinha esse sonho, enchi de cadeira e falei: um horário eu vou dedicar a grupos de reflexão para pais. Divulguei nas escolas particulares e depois fiz também um horário para mães de escolas públicas, não teve um ou uma candidata. Não querem, né? Quer dizer, é uma coisa que fere a vaidade, né? Você vai dar pitaco na educação de filhos, é uma coisa complicada, mas depois que o caldo cai, elas ligam para você chorando: "ah, vê o que você pode fazer pelo meu filho". É uma coisa complicada. Mas você falou, eu acho importante, é porque o momento histórico é outro, né? Nós fomos educados, igual ele está falando, tocava a Cobertores Parahyba, a gente ia dormir eram 8 horas da noite. Eu lembro que eu tinha que ficar fugindo do meu pai para ler e ele mandava dormir, eu esperava e acendia a luz para eu ficar lendo, aí o desgraçado ia lá e me pegava, apagava a luz. Eu esperava mais um pouquinho e acendia. Quer dizer, olha o sacrifício para ler, né? Mas tinha que ter horas de sono igual ele falou, que é importante para saúde e tal. Então, o momento era outro, mal tinha televisão, hoje são celulares, sociedade de consumo, tem mil apelos, mil demandas, mas há uma preocupação que cabe aos pais fazer essa interdição, inserir a lei.

SR. PRESIDENTE AMAURI ARTIMOS DA MATTA: Celso, fique à vontade.

SRA. CELSO PENNA FERNANDES JUNIOR: Bom, seguinte, voltando aqui aos funkeiros [interrupção no áudio]. Vamos dar um exemplo aqui com base na questão dos critérios da classificação indicativa, né, que é violência e sexo. Tem lá na classificação indicativa o que não é aconselhável para determinadas faixa de idade, dos dez até os dezoito anos. Então, a sociedade trata de forma diferente essas questões, evidentemente. Pelo menos, em tese, seria mais publicamente mais rigorosa com as questões que envolvem sexo. Vamos pegar um exemplo aqui, o MMA. O MMA, a classificação indicativa dele pelo que está lá no manual, é impróprio para menores de dezoito anos, obviamente, pelo grau de violência daquilo ali. Um filme de sexo explícito também é, pelos critérios do sexo, é também impróprio para menores de 18 anos. Mas vamos supor que um pai leve um filho de 14 anos para

ver uma luta de MMA e um outro pai leve seu filho de 14 anos para ver um filme de sexo explícito, a censura da sociedade vai incidir da forma muito mais grave em cima desse que levou o filho para ver filme de sexo, muito embora, tecnicamente falando, não existe uma punição prevista para esse pai. A classificação indicativa é indicativa, o pai leva e ele: "olha, eu estou explicando, estou conversando com meu filho, ele está vendo que isso aqui é violência". Em tese é isso, mas a gente sabe que nem sempre essa... a sanção que ele vai sofrer pode acontecer. Por quê? O estatuto fala da questão da situação de risco. Então, uma criança e um adolescente, situação de risco, ele tem que haver intervenção do Estado se essa situação de risco derivar da ação e omissão dos pais e responsáveis. Então, aí entra também o Conselho Tutelar, que vai dos pais ou responsáveis, então, aí entra também o Conselho Tutelar que vai aplicar uma medida protetiva, e pode entrar o Ministério Público e a justiça. Não existe, assim, nada pré-determinado que vai acontecer. Existe uma série de medidas que são exemplificativas, né, e que podem redundar na perda da guarda e na destituição do poder familiar do pai ou da mãe.

Só para ilustrar também, um outro exemplo, um deputado aqui da assembleia fez um Projeto de Lei que eu não sei em que pé que está, mas não foi aprovado ainda, com base no estatuto, sobre o argumento de que ia proteger a criança e o adolescente fez um Projeto de Lei lá na assembleia dizendo que é proibido que qualquer criança e adolescente transite na rua de 11 às 5 horas da manhã, 6 horas da manhã, uma coisa assim. Lógico que o argumento é que vai proteger a criança e o adolescente. Mas, logicamente, a gente sabe que por trás disso, é aquela história, cada um que cuide de seu filho, né? Essa que é que a visão da nossa sociedade atual. Claro, é óbvio que esse projeto tem por finalidade impedir que o adolescente pratique ato infracional, né? Como se ele fosse resolver o problema, porque se o adolescente está praticando ato infracional, ele está em situação de risco em razão da conduta, cabe o Estado intervir naquele caso concreto. Então, a gente fica buscando medidas de cunho coletivo para resolver um problema que é não coletivo, é um problema individual localizado, e para não resolver o problema. Então, o pai em vez de manter o filho dentro de casa, sei lá, né, como ele não consegue fazer isso, precisa ter uma lei para proibir, para a polícia tomar providência, porque, na verdade, a polícia já tem que tomar providência. Se a polícia ver uma criança vendendo flor de madrugada na rua, ela está em situação de risco, está trabalhando, trabalho infantil, não é? Obviamente, rua não é lugar para a criança às 4 horas da manhã, então já é obrigatória a intervenção do estado. Então, você não precisa de mais uma lei para isso, né? Mas, assim, é só para mostrar como é difícil essa definição concretamente do que seja uma situação de risco. Então, esse menino pode, pela situação, estar ou não em situação de risco, depende do caso, depende de como ela lida na questão de família, como a família aborda essa questão, se não há exagero. Então, ele está lá, em tese, em situação, poderia estar, em tese, em situação de risco, porque está fazendo uma dança que é sexualizada e isso pode não ser adequado para uma criança, acredito que não seja, né? Mas tem que ver o caso concreto, e qualquer pessoa pode denunciar tanto ao Conselho Tutelar como a Ministério Público esses casos.

SR. PRESIDENTE AMAURI ARTIMOS DA MATTA: Bom, todos satisfeitos então? Eu queria então, passar a palavra rapidamente para a Dra. Patrícia, para a Dra. Inez e o Dr. Celso para que eles façam as suas considerações finais para a gente poder encerrar.

SRA. PATRÍCIA REGINA HENRIQUE PELES: Eu queria agradecer a vocês, a participação, por ficarem até agora nos ouvindo, e se interessarem por esse tema tão importante, por se interessarem por um mundo melhor em um processo de mudança. Se estão aqui, é porque querem alguma medida e buscam alguma solução. Então, eu parablenizo vocês por isso, acho que é uma boa parcela da população e eu acredito muito que uma boa parcela da população pode fazer grandes coisas por uma população inteira. Se vocês quiserem saber um pouco mais, podem entrar na

minha página, a página da Cienço(F), onde eu escrevo, onde a minha equipe escreve e tem mais informações, nós temos lá também boas orientações de condutas não só para essa questão, mas para outras questões e ensinamos o processo também de reabilitação, tá? É gratuito.

SRA. INEZ LEMOS: Também queria agradecer essa oportunidade importantíssima no meu ponto de vista, estava até cantando aqui, se não tem jeito de fazer uma experiência, propor uma atividade dessas em uma escala maior, para mais pessoas da sociedade participarem, mais mães, pais, professores, porque eu acho que está na ordem do dia, na necessidade. É só para... também vou fazer, não é bem o comercial, porque eu não vou ganhar nada economicamente, financeiramente falando, mas vou ganhar muito se eu puder ajudá-los, igual a Patrícia falou, em uma orientação, para que vocês se juntem a nós nesse empenho, nesse compromisso de ajudarmos a construir futuros cidadãos, mais conscientes, mais humanos, menos vulnerável aí, expostos às mazelas desse mercado aí. Em 2007, esta é a fazendo dez anos, foi em maio de 2007, está fazendo dez anos, foi em maio de 2007, eu lancei esse livro, *Pedagogia do Consumo*, pela Autêntica, Família, Mídia e Educação, onde eu discuto, e nele, eu até peguei para reler, tem um artigo que é *Moda e Gravidez Precoce*. Então, falando da sociedade de consumo, como ela provoca essa moda, essa moda do saltinho, da erotização, e que vai culminar na gravidez precoce. Foi um conjunto de artigos que alguns saíram, outros inéditos no caderno *Pensar do Estado de Minas*, no campo da psicanálise e da sociologia, portanto uma reflexão já com os pais nesse sentido. E que o me assusta é que estão todos os temas, todos os artigos aqui, muito atuais. Vocês conseguem, parece em e-book, ou talvez em sebo, ou parece que a editora fala comigo que não relançou, mas eu acho que tem aí para vender, mas não sei, se vocês se interessarem, provavelmente vocês conseguem. E eu tenho blog, *Amores Urgentes*, que a maioria dos artigos também estão no blog, é só pôr amores urgentes, tudo junto e clicar, que o primeiro acho que é o meu. E tem também artigos mais antigos, tem uns artigos menores para quando eu dava consultoria em escolas, eu formatei em artigos mais condensados. Enfim, né, eu também me coloco à disposição, meu consultório está à disposição, seja o objetivo da gente, a política é de acolher, seja que nível econômico for, a gente tentar, se puder ajudar, é isso que é o nosso objetivo, é a clínica do social. Muito obrigada.

SR. CELSO PENNA FERNANDES JUNIOR: Bom, muito obrigado pela atenção. Qualquer denúncia que vocês queiram fazer sobre essa eventual situação de risco de criança em razão de tudo que foi discutido aqui, criança e adolescente, pode ser feita, inclusive, de forma anônima no disque direitos humanos e na ouvidoria do Ministério Público. Muito obrigado e boa noite.

[aplausos]

SR. PRESIDENTE AMAURI ARTIMOS DA MATTA: Então, com as considerações finais, eu queria agradecer a presença de todos aqui no nosso evento, agradecer ao Celso, a Inez e a Patrícia pela grande colaboração, pela grande ajuda que elas deram e o colega Celso ao Procon estadual para fazer essa discussão com a sociedade, ok? Muito obrigado e tenham todos uma boa noite.

[aplausos]